

ESCOLA DE FÉ E CIDADANIA SÃO ROMERO



Textos
Formativos

SUMÁRIO

1. DIMENSÃO POLÍTICA DA FÉ	3
2. O COMPROMISSO COM OS POBRES NA FÉ DE ISRAEL: LEI, PROFECIA E SABEDORIA	6
3. A PROFECIA NO POVO DE ISRAEL	9
4. JESUS DE NAZARÉ: O MESSIAS DOS POBRES	12
5. A SOLIDARIEDADE NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS	15
6. A JUSTIÇA SOCIAL NOS PADRES DA IGREJA	18
7. O COMPROMISSO COM OS POBRES NA HISTÓRIA DA IGREJA	21
8. A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA	24
9. A TRADIÇÃO LIBERTADORA DA IGREJA LATINO-AMERICANA	27
10. PROFETAS E MÁRTIRES DO NOSSO TEMPO	30
11. O MINISTÉRIO PROFÉTICO DO PAPA FRANCISCO	33
12. OS DESAFIOS SOCIAIS DE NOSSO TEMPO	36
ATIVIDADES COMPLEMENTARES:	39

1. DIMENSÃO POLÍTICA DA FÉ

Falar na relação fé-política ou em dimensão política parece estranho para muitos ainda hoje. Foi se criando a mentalidade que religião não tem nada a ver com política. As razões para tal visão são muitas, mas talvez pudéssemos citar duas fundamentais: nossas pregações não costumaram tratar dos grandes problemas sociais e nosso povo não tem a devida compreensão do que é política. Tanto que, quando se fala em dimensão política da fé, muitos imaginam Igrejas fazendo campanhas para políticos específicos. Mas na verdade, a questão é bem diferente.

A política tem a ver com a forma de organizar a sociedade de forma justa, gerando o bem comum. Claro que os partidos políticos têm um papel fundamental nessa missão, mas não só eles. Tudo o que fazemos, tendo ou não consciência disso, tem relação com a política. Se tenho água de qualidade; estrada boa para transitar; saúde de qualidade; educação para nossas crianças, jovens e adultos; moradia; trabalho; esporte e outras formas de lazer; a segurança nos bairros e comunidades: tudo isso é política e tem a ver com todos nós. Mas e a fé? Onde entra nisso? Se nos fosse pedido para citar exemplos de ações religiosas, certamente falaríamos de terços, missas, procissões, novenas etc. Mas só essas são ações religiosas? Só essas são ações motivadas pela fé?

A fé tem a ver com se entregar a Deus e procurar viver segundo sua vontade. Ou seja, a fé tem a ver com amar a Deus e ao próximo, fazendo que sua vontade aconteça no mundo. Jesus disse: “eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Se falta comida, moradia, saúde de qualidade, se tem muita violência, existe vida em abundância? Claro que não. Será que Deus está satisfeito com isso? Sua vontade está acontecendo no mundo? Não. Deus diz hoje o que disse a Moisés: “Eu vi muito bem a miséria do meu povo... Ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço os seus sofrimentos” (Ex 3,7). Por isso o Senhor nos diz para ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5,13-14), dar a esse mundo o sabor do Evangelho e iluminá-lo com a luz de Cristo. Por isso, os problemas do mundo são problemas que tocam a nossa fé.

Como nos recorda o papa Francisco, a fé tem a ver com “amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a

vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais” (EG 180). Lutar para que haja um mundo mais justo e fraterno, uma sociedade mais igual é questão de fé, tem a ver com nossa missão de evangelizar que “é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Por isso, é ato religioso, é ato de fé a luta por moradia, por comida para todos, por educação e saúde de qualidade. E todos esses pontos tem a ver com política. Por isso, a fé tem uma dimensão política fundamental.

Mas também precisamos estar atentos, porque nem toda relação de fé e política é correta e coerente com o Evangelho. Tem casos em que uma acaba se reduzindo a outra ou sendo subordinada a outra. Por exemplo, quando em época de eleições se usa da religião para ganhar votos ou quando em diversas situações a Igreja fica dependente de prefeituras para reformas ou doações. Tem ainda quem vê a fé e a política como coisas totalmente diferentes, mas que em alguns momentos podem se juntar, às vezes até sem perceber; por exemplo, tem tanta gente que assume alguma pastoral na Igreja e também luta por algum direito social, mas não consegue entender a sua luta também como questão de fé. E temos ainda uma relação mais coerente entre fé e política, a qual entende que o político não é tudo da fé (é uma dimensão da mesma), mas faz parte dela, de modo que sem a política, não existe verdadeiramente fé; sem o compromisso com um mundo mais justo, sinal do Reinado de Deus, não existe fé verdadeira.

A fé cristã tem a ver com a forma de configurar a vida segundo o jeito de Jesus de Nazaré; a política, no seu sentido mais profundo, se refere à justa organização da sociedade. Assim, a fé tem uma dimensão política que lhe é própria, pois se refere a nossa missão de, a partir do Evangelho, viver pessoal e socialmente segundo a vontade de Deus (Reino de Deus). São Romero já escreveu sobre a necessidade de “esclarecer, desde o princípio, que a fé cristã e a atividade da Igreja sempre tiveram repercussões sociopolíticas. Por comissão ou omissão, associando-se a um ou a outro grupo social, os cristãos sempre exerceram influência no esquema sociopolítico do mundo em que viveram. O problema reside no ‘agora’ desta influência no mundo sociopolítico, para verificar se ela está ou não de acordo com a fé” (Discurso pelo Doutorado Honoris Causa).

Vamos refletir:

- O que você acha da relação fé e política?
- Já tinha parado para pensar que a fé tem uma dimensão política?
- Que exemplos podemos dar de uma correta expressão política da fé e que exemplos de formas erradas de expressá-la?

Vamos aprofundar:

- Procurar exemplos, experiências, testemunhos que expressam essa dimensão política da fé, seja na Igreja do Brasil ou fora, mesmo exemplos da nossa própria paróquia.
- Para prosseguir refletindo esse assunto, vale a pena assistir a um vídeo que traz a fala de alguns bispos sobre essa dimensão tão importante da fé (*Dimensão Política da Fé* – link: <https://www.youtube.com/watch?v=M6LimVKu4io>).

2. O COMPROMISSO COM OS POBRES NA FÉ DE ISRAEL: LEI, PROFECIA E SABEDORIA

Basta um olhar atento na bíblia para perceber a parcialidade de Deus pelos pobres. Como bem escreveu o Papa Francisco, “constitui um refrão permanente da Sagrada Escritura a descrição da ação de Deus em favor dos pobres” (Mensagem para o 3º Dia Mundial dos Pobres). Afinal, a centralidade dos pobres na bíblia “é uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar” (EG 194). Desse modo, o que conversaremos hoje e em alguns dos encontros seguintes é sobre como o compromisso com os pobres e com uma sociedade mais justa e fraterna aparecem na Escritura. Hoje falaremos a partir do Antigo Testamento (a Lei, os profetas e a Sabedoria).

Começando pela Lei ou Instrução. São as orientações de Deus para a vida do povo. Havia muitos mandamentos sociais. Dentre eles, destacamos a Lei do Ano Sabático: “Você, durante seis anos, semeará a terra e fará a colheita. No sétimo ano, porém, deixe a terra em descanso e não a cultive, para que os necessitados do povo encontrem o que comer” (Ex 23,1-10). Sendo uma sociedade que vivia basicamente da agricultura, era muito importante uma lei que orientasse a solidariedade com os mais necessitados, partilhando os frutos da colheita no ano de descanso da terra. Uma lei semelhante era do ano jubilar: “Declarem santo o quinquagésimo ano e proclamem a libertação para todos os moradores do país. Será para vocês um ano de júbilo: cada um de vocês recuperará a sua propriedade e voltará para a sua família” (Lv 25,10). A cada 50 anos, acontecia o perdão de todas as dívidas e libertação dos escravos. Era uma forma, ainda que limitada, de procurar reduzir a desigualdade em Israel. Nesse sentido também era a exigência da terra ficar sempre numa mesma família (Nm 27,8-11) para tentar evitar a acumulação de terra nas mãos de alguns, pois, na verdade, já diz o Senhor: “A terra não poderá ser vendida para sempre, porque a terra me pertence, e vocês são para mim imigrantes e hóspedes” (Lv 25,23). Nós somos inquilinos, o verdadeiro dono da terra é Deus. Essa era a visão de Israel, por isso o acúmulo de terra era visto como quebra da lei de Deus. Havia o dízimo dos pobres: “A cada três anos você pegará o dízimo da colheita do ano e o colocará nas portas da cidade. Então virá o levita que não

recebeu uma parte na herança de vocês, o imigrante, o órfão e a viúva que vivem nas suas cidades, e comerão até ficarem saciados” (Dt 14,28-29). Até as festas religiosas deveriam ser celebradas com os pobres: “E você fará uma festa diante de Javé seu Deus – junto com seu filho e sua filha, seu escravo e sua escrava, com o levita que vive em sua cidade e o imigrante, o órfão e a viúva que vivem em seu meio – no lugar que Javé seu Deus tiver escolhido para aí fazer habitar o nome dele” (Dt 16,11).

Em Israel, também tinham grande voz os profetas que eram os autênticos intérpretes da Lei e anunciadores da Palavra de Deus. Vamos dedicar o próximo encontro para conversar mais sobre eles, mas desde já, destacamos algumas de suas denúncias. Diante da acumulação de terra nas mãos de poucos, falou o profeta Isaías: “Ai daqueles que juntam casa com casa e emendam campo a campo, até que não sobre mais espaço e sejam os únicos a habitarem no meio do país” (Is 5,8); sobre isso também o profeta Miquéias denunciou: “Ai daqueles que, deitados na cama, ficam planejando a injustiça e tramando o mal! É só o dia amanhecer, já o executam, porque têm o poder em suas mãos. Cobiçam campos, e os roubam; querem uma casa, e a tomam” (Mq 2,1-2). Amós denuncia o roubo e exploração no comércio: “Escutem aqui, exploradores do necessitado, opressores dos pobres do país! Vocês ficam maquinando: ‘Quando vai passar a festa da lua nova, para podermos pôr à venda o nosso trigo?... Para comprar os fracos por dinheiro, o necessitado por um par de sandálias, e vender o refugio do trigo?’” (Am 8, 4-5.6).

A poesia, orações, hinos, narrativas, enfim, a sabedoria de Israel também herdou essa reflexão da fé no Deus libertador. Recolhemos algumas breves passagens. No Eclesiástico: “Ele não dá preferência a ninguém contra o pobre. Pelo contrário, atende a súplica do oprimido. Ele não despreza a súplica do órfão, nem a viúva que desafoga suas queixas” (Eclo 35,13-14). O livro de Jó denuncia: “o órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. É noite quando a assassino se levanta para matar o pobre e o indigente” (24,9.14). Provérbios: “quem zomba do pobre ultraja seu Criador” (Pv 17,5). Eclesiastes: “a malícia derrubará do trono os poderosos” (Ecl 5,23). Os Salmos, a oração de Israel, são o grande grito dos pobres ao Senhor: “a ti se abandona o miserável, para o órfão tu és um socorro” (10,14);

“ele ergue o fraco da poeira e tira o indigente do lixo” (113,7); “mas Javé é justo: cortou os chicotes dos ímpios” (129,4).

Vamos refletir:

- Vocês já conheciam essa reflexão social na bíblia?
- Tem alguma passagem, história da bíblia que você lembre que trata dessa dimensão social da fé?
- Por que será que mesmo a bíblia falando tanto dos pobres e das questões sociais, ainda tem gente que ache que isso não tem a ver com a fé?

Vamos aprofundar:

- Vamos assistir um vídeo sobre leitura popular da bíblia e entender um pouco mais como a reflexão social é ponto fundamental da Escritura (*Bíblia: Deus vivo* – parte 1; Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Z737ICp8oX8>). Vamos trazer para o próximo encontro o que achamos importante e dúvidas que tivermos.

3. A PROFECIA NO POVO DE ISRAEL

A profecia em Israel se tratava de uma Palavra de Deus que era dirigida ao profeta e ele deveria transmitir ao povo. A bíblia chama muitos homens e mulheres que falaram em nome de Deus de profetas e profetisas: Abraão (Gn 20,7); Mírian (Ex 15,20), setenta anciãos (Nm 11,16-17.24-29); Moisés (Os 12,14); Débora (Jz 4,4); Samuel (1Sm 3); Natã (2Sm 12,1-14); Gad (2Sm 24,11); Aías de Silo (1Rs 14,1-20); Elias (1Rs 17-2Rs 2,18); Miqueias de Jamla (1Rs 22,1-28); Eliseu (2Rs 2,19-13,21); Hulda (2Rs 22,14-20) etc. Mas recebe um destaque especial aqueles cuja profecia foi preservada em algum escrito, como os quatro grandes profetas do século 8º (Amós, Oséias, Isaías e Miquéis), Jeremias, Ezequiel e os Doze profetas menores.

Existiam profetas fora de Israel, mas seu jeito de profetizar era muito diferente. Em outras culturas, a profecia estava muito ligada a adivinhação, magia e a rituais estranhos. Ainda hoje, se falamos em profecia, a primeira coisa que vem à cabeça é adivinhação do futuro. Mas profecia na bíblia é bem diferente. As profecias fora de Israel geralmente eram favoráveis aos reis; os profetas de Israel geralmente eram críticos ao rei. O profeta em Israel não vive da profecia, ela é vocação, não profissão (Am 7,14). A luta e a preocupação dos profetas pelo direito e pela justiça é fruto da própria tradição de Israel e sua crença num Deus libertador que exige um compromisso ético de seu povo que deve viver a sua instrução (Torá). Em Israel, a profecia revela uma parcialidade fundamental de Deus pelos pobres. Um grande estudioso judeu das Escrituras, chamado Heshel, explica isso: “Para nós, o ato isolado de injustiça - engano nos negócios, exploração dos pobres - é leve; para os profetas, é um desastre... Para o profeta, a menor injustiça assume proporções cósmicas... Profecia é a voz que Deus emprestou à agonia silenciosa, aos pobres saqueados, às riquezas profanadas do mundo” (Los Profetas I, p. 34.35.36).

Deus fala ao profeta através de visões ou Palavras. Ele é mensageiro da Palavra de Deus e é enviado para falar em nome do Senhor. Pode espantar a dureza das palavras. O profeta tem consciência que a palavra que proclama não é sua, mas de Deus. Ele revela um Deus que é afetado pelo sofrimento ou desobediência do seu povo; a ação do profeta é participação e resposta a esse sentimento de Deus. Ele enfrenta qualquer autoridade em nome da

palavra de Deus (Reis, sacerdotes, outros profetas, juizes, comerciantes, povos estrangeiros). Sua palavra incomoda e traz perseguição; contudo, muitos profetas pareciam ter grande respaldo social. A profecia é altamente ligada ao contexto histórico. Por isso, o profeta é uma pessoa fundamentalmente engajada na vida do povo.

A crítica social dos profetas é muito forte e toca os diversos pontos da vida. Denunciam fortemente a exploração no comércio: “Assim diz Javé: Por três crimes de Israel e pelo quarto, eu não vou perdoar: porque vendem o justo por dinheiro e o necessitado por um par de sandálias; pisoteiam os fracos no chão e desviam o caminho dos pobres!... Diante de todos os altares eles se deitam sobre roupas penhoradas e no templo do seu deus bebem o vinho de juros” (Am 2,6-8). “Acaso posso tolerar a casa do ímpio com seus tesouros ganhos injustamente, com suas medidas falsificadas e destetáveis? Acaso devo desculpar balanças viciadas, sacolas cheias de pesos adulterados?” (Mq 6,10-11). Criticam os juizes e exploração dos pobres nos tribunais: “Eles odeiam os que defendem o justo no tribunal e têm horror de quem fala a verdade... Pois eu sei como são numerosos os seus crimes e graves os seus pecados: exploram o justo, aceitam subornos e enganam os necessitados no tribunal!” (Am 5,10.12).

Os profetas criticavam os governantes porque esqueciam o povo e abandonavam a lei de Deus: “Ai dos que vivem tranquilos em Sião e se sentem seguros no monte de Samaria; os nobres da primeira dentre as nações, aos quais recorre a casa de Israel!... Deitam-se em camas de marfim... sem se importar com a ruína de José!” (Am 6,1.4.6). “Escute, casa do rei! A sentença é contra vocês. Vocês se tornaram uma armadilha preparada em Masfa, uma rede armada sobre o Tabor” (Os 5,1); “No dia do sacrifício de Javé, pedirei contas aos nobres e príncipes e a todos os que se vestem à moda estrangeira” (Sf 1,8). “Você não vê outra coisa e não pensa a não ser no lucro, em derramar sangue inocente e em praticar a opressão e a violência. Por isso, assim diz Javé a Joaquim, rei de Judá, filho de Josias: Ninguém vai chorar por ele” (Jr 22,17-18).

Também é dura a denúncia profética contra a liturgia/oração separada da ética/justiça. “Eu detesto e desprezo as festas de vocês; tenho horror dessas reuniões... Longe de mim o barulho de seus cânticos, nem quero ouvir a música de suas liras. Eu quero, isto sim, é ver brotar o direito como água e correr a justiça como riacho que não seca” (Am 5,21.23-24). “Parem de

trazer ofertas inúteis. O incenso é coisa nojenta para mim; luas novas, sábados, assembleias... não suporto injustiça junto com solenidade... aprendam a fazer o bem: busquem o direito, socorram o oprimido, façam justiça ao órfão, defendam a causa da viúva” (Is 1,13.17).

Vamos refletir:

- Você já conhecia os profetas de Israel?
- O que é verdadeiramente a profecia?
- Por que ela incomoda tanto?
- Você conhece algum profeta de nossos tempos?

Vamos aprofundar:

- Vamos escolher algum livro de um profeta da bíblia e ler. As introduções presentes na maioria de nossas bíblias podem nos ajudar na compreensão. Vamos trazer o que achamos importante e as dúvidas para o próximo encontro.
- Vamos também procurar conhecer pessoas que em nossas comunidades assumem uma missão profética.

4. JESUS DE NAZARÉ: O MESSIAS DOS POBRES

Jesus de Nazaré é a plena revelação de Deus: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Em Jesus, Deus se revela amoroso e defensor dos pobres e oprimidos. Em Jesus, Deus se encarna no mundo dos pobres: “Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, através do ‘sim’ duma jovem humilde, duma pequena povoação perdida na periferia dum grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2,24; Lv 5,7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão” (EG 197).

Na sinagoga de Nazaré, assumindo a profecia de Isaías, disse que o Espírito do Senhor estava sobre ele para anunciar a Boa Nova aos pobres e libertação aos oprimidos (Lc 4,18-19). Essa foi sua missão. Por isso falava do Reino de Deus, quando a vontade do Senhor acontecesse no mundo, gerando uma sociedade justa, fraterna, igual, como anunciaram os profetas (Is 55,1-5; Mq 4,1-4). Esse Reino é dos pobres e pequenos (Mt 5,3; Lc 6,20; Mc 10,14) e, portanto, para participar dele é preciso se fazer pequeno (Mc 10,15), socorrer o Lázaro à porta (Lc 16,19-31), o caído à beira do caminho (Lc 10,25-37), dar o que tem aos pobres (Mc 10,21), porque tudo isso é servir ao próprio Jesus naqueles com fome, sede, nus, doentes, estrangeiros, presos (Mt 25,31-46).

Jesus chamou para ser seus discípulos pobres pescadores e gente sem muita instrução (Mc 3,13-19), louvou a Deus por ter escondido os mistérios do Reino aos grandes e revelado aos pequeninos (Mt 11,25-26). Afirmou: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10) e consolou seus discípulos: “Não tenha medo, pequeno rebanho, porque o Pai de vocês tem prazer em dar-lhes o Reino” (Lc 12,32). Não temeu desafiar as autoridades políticas e religiosas por causa do Reino. Por isso, enfrentou Herodes quando fariseus quiseram calá-lo em nome do rei: “alguns fariseus se aproximaram, e disseram a Jesus: ‘Deves ir embora daqui, porque Herodes quer te matar’. Jesus disse: ‘Vão dizer a essa raposa: eu expulso demônios, e faço curas hoje e amanhã; e no terceiro dia terminarei o meu trabalho’” (Lc

13,32). Enfrentou autoridades religiosos, doutores da Lei e fariseus: “Ai de vocês, doutores da Lei e fariseus hipócritas! Vocês fecham o Reino do Céu para os homens. Nem vocês entram, nem deixam entrar aqueles que desejam” (Mt 23,13).

Anunciou a inversão que Deus faz das posições sociais: “Muitos que agora são os primeiros, serão os últimos; e muitos que agora são os últimos, serão os primeiros” (Mt 19,30). Como nos recorda o Papa Francisco, “o caminho de Jesus começou na periferia, vai dos pobres e com os pobres para todos” (Viagem ao Quênia). Esse foi o caminho do mestre, uma vida de encontro com os pobres e excluídos, muitos chamados então de pecadores. Fazia refeição com eles (Mt 9,10; Lc 15,1-3), perdoou a mulher surpreendida em adultério (Jo 8,1-11), tocou leprosos (Mc 1,40-45), acolheu e elogiou a fé de estrangeiros como da siro-fenícia (Mc 7,24-30) e do centurião romano (Mt 8,5-13). Da comunidade que formou (Mc 3,13-19), as mulheres também participavam como discípulas (Lc 8,1-3; Mc 15,40-41). Por tudo isso, foi perseguido, as autoridades o consideraram blasfemo por se dizer filho de Deus; também temiam que esse Reino desafiasse o império de César, por isso o condenaram no sínédrio por um motivo religioso e o crucificaram, por uma questão política (Lc 23,2; Jo 11,47-50), o motivo da morte pregado na cruz era o de “se ter feito rei” (Mt 27,37; Mc 15,26-27). O Reino de amor e justiça desafiava o reino opressor de César e Pilatos. Mas Deus o ressuscitou e seu Espírito continuou agindo e guiando sua comunidade (At 2).

Nosso compromisso cristão com os pobres e oprimidos, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna está alicerçado, antes de qualquer coisa, na vida de Jesus. Ele se fez pobre, andou e defendeu os pobres, anunciou o Reino de Deus que é dos pobres. Por isso o para Francisco insiste que a Jesus “não O encontramos quando e onde queremos, mas reconhecemo-Lo na vida dos pobres, na sua tribulação e indignidade, nas condições por vezes desumanas em que são obrigados a viver” (Mensagem para o 5º Dia Mundial dos Pobres). Por isso, é por Jesus e é a Jesus que servimos nos pobres. A luta por uma sociedade mais justa onde a vontade de Deus acontece é serviço ao seu Reino. Não nos esqueçamos: “Quais serão as perguntas que o Senhor nos fará naquele dia: ‘Foste à Missa? Fizeste uma boa catequese?’. Não, as perguntas são acerca dos pobres, porque a pobreza está no centro do Evangelho” (Papa Francisco, 15.11.2015).

Para refletir:

- Você acha que nós Igreja estamos agindo assim como Jesus?
- Temos nos comprometido o bastante com os pobres?
- O que é pobreza? Conhecemos sua causa?
- O que precisamos fazer para crescer no compromisso com os pobres?

Para aprofundar:

- Vamos assistir um vídeo do Frei Carlos Mesters falando sobre Jesus. Vamos guardar o que achamos importante, também as dúvidas e conversaremos sobre o vídeo no próximo encontro.

(*FREI CARLOS MESTERS: Comunidade-01*; link: <https://www.youtube.com/watch?v=nDh5eN8HuWI>).

5. A SOLIDARIEDADE NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES CRISTÃS

Como vimos no último encontro, Jesus nos mostrou um Deus que se identificou com o mundo dos pobres e inaugurou um Reino que traz um mundo novo, uma sociedade mais justa e fraterna. Assim, os discípulos de Jesus, se quiserem ser fiéis ao mestre, têm que seguir pelo mesmo caminho. Temos muitos testemunhos disso nos relatos e tradições recolhidas das primeiras comunidades cristãs. As cartas de Paulo, que foram os primeiros escritos do Novo Testamento, nos trazem alguns testemunhos importantes. Talvez o mais significativo foi a coleta que Paulo organizou nas Igrejas por ele acompanhadas para socorrer os pobres de Jerusalém (1Cor 16,1-14; 2Cor 8-9; Rm 15,25-28). Essa coleta para Paulo era vista como “comunhão” (2Cor 8,4; 9,13), “graça” (2Cor 8,6.7.19), “serviço” (2Cor 8,4.19; 9,1.12.13), “bênção” (2Cor 9,5), “liturgia” (2Cor 9,12). Era assim que Paulo entendia o amor e cuidado com os pobres, como algo religioso e fundamental para a fé. Mas também, falando do resultado da Assembleia de Jerusalém, reunião que discutiu se para ser cristão precisava ou não seguir os costumes dos judeus, Paulo afirma que o exigido foi “apenas que nos lembrássemos dos pobres, e isso eu tenho procurado fazer com muito cuidado” (Gl 2,10). Isso é o fundamental, o que não pode faltar na vida cristã.

A própria visão de Paulo sobre a perspectiva e ação de Deus é que ele sempre escolhe os fracos e pequenos: “entre vocês não há muitos intelectuais, nem muitos poderosos, nem muitos de alta sociedade. Mas, Deus escolheu o que é loucura no mundo, para confundir os sábios; e Deus escolheu o que é fraqueza no mundo, para confundir o que é forte. E aquilo que o mundo despreza, acha vil e diz que não tem valor, isso Deus escolheu para destruir o que o mundo pensa que é importante” (1Cor 1,26-28). Além disso, Paulo nos ensina que a Igreja é um corpo e nesse corpo todos são importantes. Na verdade, “os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários” (1Cor 12,22), além do mais, “se um membro sofre, todos os membros participam do seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros participam de sua alegria” (1Cor 12,26). Se alguém na Igreja, na comunidade sofre, todos devem participar dessa dor, assim como devem participar de sua alegria. Como um cristão pode dizer que não é

questão de Igreja a preocupação com os problemas da sociedade? Onde tem um irmão sofrendo, é nossa própria carne que sofre, pois somos um só corpo. Desse modo, insiste Paulo: “Sejam solidários com os cristãos em suas necessidades e se aperfeiçoem na prática da hospitalidade... Alegrem-se com os que se alegram, e chorem com os que choram... Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber; desse modo, você fará o outro corar de vergonha” (Rm 12,13.15.20). Nem o inimigo pode ser abandonado, pois todos somos irmãos.

Igualmente preciosas são as imagens da Igreja de Jerusalém apresentadas nos Atos dos Apóstolos: “Todos os que abraçaram a fé eram unidos e colocavam em comum todas as coisas; vendiam suas propriedades e seus bens e repartiam o dinheiro entre todos, conforme a necessidade de cada um... A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava propriedade particular as coisas que possuía, mas tudo era posto em comum entre eles. Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. E todos eles gozavam de grande aceitação. Entre eles ninguém passava necessidade, pois aqueles que possuíam terras ou casas as vendiam, traziam o dinheiro e o colocavam aos pés dos apóstolos; depois, ele era distribuído a cada um conforme a sua necessidade” (At 2,44-45; 4,32-35). O testemunho do Ressuscitado que davam os primeiros cristãos era o amor e solidariedade entre eles. Esse é o retrato ideal da Igreja, é assim que devemos ser, Igreja da comunhão e da partilha. Por isso, o papa Bento XVI afirmou em sua encíclica DEUS É AMOR: “no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna” (n. 20) e que “a Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família, não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário” (n. 25b).

São muitos os testemunhos no Novo Testamento da solidariedade e compromisso com um mundo mais justo como quis Jesus. Vamos mencionar apenas a Carta de Tiago que nos faz questionamentos muito importantes: “não foi Deus quem escolheu os que são pobres aos olhos do mundo, para torná-los ricos na fé e herdeiros do Reino que ele prometeu àqueles que o amam? E, no entanto, vocês desprezaram o pobre! Ora, não são os ricos que oprimem a vocês e os arrastam perante os tribunais?” (Tg 2,5-6). E ainda traz uma das críticas mais duras do NT aos ricos e à riqueza: “E agora vocês,

ricos: comecem a chorar e gritar por causa das desgraças que estão para cair sobre vocês. Suas riquezas estão podres, suas roupas foram roídas pela traça. Vejam o salário dos trabalhadores que fizeram a colheita nos campos de vocês: retido por vocês, esse salário clama, e os protestos dos cortadores chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos” (Tg 5,1-2.4).

Para refletir:

- Por que a partilha e a solidariedade eram tão importantes para os primeiros cristãos?

- Será que hoje entendemos a solidariedade como questão de fé?

- Quais os desafios para sermos uma Igreja semelhante à dos primeiros séculos?

Para aprofundar:

- Procuremos conhecer que práticas de partilha e solidariedade existiam em nossas comunidades e não existem mais.

- Vamos conhecer se existem famílias ou algum grupo passando por necessidades em nossas comunidades e animar alguma ação de solidariedade.

6. A JUSTIÇA SOCIAL NOS PADRES DA IGREJA

Como os pobres estão no centro do Evangelho bem como a preocupação pela construção de um mundo melhor, sinal do Reino de Deus, a história da Igreja tinha de estar marcada também por uma reflexão social. Nesse ponto, se destacam os chamados Padres da Igreja. Foram homens, em sua maioria bispos ou presbíteros, que nos primeiros séculos da Igreja desenvolveram uma importante reflexão teológica e ação pastoral que marcaram a história da Igreja. Por isso, eles são vistos como colunas e referências para a fé. O tema social, apesar de muito presente nos Padres da Igreja, é pouco trabalhado quando se estuda seus escritos. Gostaríamos de destacar algumas de suas reflexões que nos ajudam a crescer na consciência de que a fé tem uma dimensão social que é da sua própria natureza e que não pode ser abandonada sem deixar de lado o próprio Evangelho.

São Justino (100-165), falando da mudança de vida que traz a fé cristã, afirmou: “antes, amávamos, acima de tudo, o dinheiro e as rendas de nossos bens; agora, colocamos em comum o que possuímos e disso damos uma parte para todo aquele que está necessitado” (Apologia I, 14,2). A partilha e o uso das coisas para o bem comum é muito forte nos Padres da Igreja, assim como a ideia de que somos meros administradores dos bens que pertencem, na verdade, a Deus. São Basílio Magno (330-379) afirmou: “És servidor da bondade de Deus, administrador dos teus companheiros de Servidão. Não creias que tudo seja destinado a teu ventre. Considera os bens que estão nas tuas mãos como coisa de outros” (Homilia sobre Lucas 12,2). Isso porque se os bens nos foram confiados para administrar, caso fiquemos com eles só para nós, estamos roubando de Deus e dos pobres.

Os Padres da Igreja falavam a partir de sua fé e não tinham, naquela época, os meios para se fazer uma análise social como hoje temos. Por isso, não determinaram muito bem o que entendiam por riquezas, tanto que em momentos falam do seu uso legítimo, em outros falam de que todas as riquezas são injustas. Na verdade, olhando para a tradição de Jesus e a reflexão posterior, o que os Padres querem dizer é que ter bens e usá-los não é ruim, o problema é acumulá-los, pois para uns terem muito, é preciso que outros não tenham quase nada. Por essa razão, São Basílio afirma: “Se cada um tirasse para si o que lhe é necessário e entregasse ao indigente o que

sobra, ninguém seria rico, ninguém pobre... O pão que tu reténs pertence ao faminto, o manto que guardas no armário é de quem está nu; os sapatos que apodrecem em tua casa pertencem ao descalço; o dinheiro que tens enterrado é do necessitado. Porque tantos são aqueles aos quais fazes injustiças, quantos aqueles que poderias socorrer” (Homilia sobre Lucas 12,7).

São João Crisóstomo (347-407) também traz essa reflexão: “por acaso não é mau ter um só o que são bens do Senhor, e gozar sozinho do que é comum?... O que é de Deus é tudo comum” (Sobre 1Tm). E critica duramente a riqueza e o acúmulo, afirmando que “o princípio e a raiz é sempre forçosamente a injustiça. Por quê? Porque no princípio Deus não fez rico a um e pobre a outro, nem tomou a um e lhe deu grandes jazidas de ouro, privando o outro desse achado. Não senhor. Deus pôs diante de todos a mesma terra” (Sobre 1Tm). A mesma crítica fazem Santos como Astério de Amaséia: “assim como não é possível viver entre deleites se não se acumulou muito dinheiro, do mesmo modo é impossível amontoar riquezas sem pecado” (Homilia sobre Lázaro); Agostinho (354-430): “as riquezas são injustas ou porque as adquiristes injustamente, ou porque elas mesmas são injustas, porquanto tu tens e outros não têm, tu tens em abundância e outro vive na miséria” (Comentário ao Sl 48); e São Jerônimo (347-420): “Com razão fala o evangelho de riquezas ‘injustas’, pois todas as riquezas não tem outra origem que a injustiça, e não se pode alguém se assenhorar delas a não ser que outro as perca ou se arruíne” (Carta à Hebídia).

Em suas reflexões sociais, os Santos Padres também refletiam sobre a riqueza da própria Igreja, mostrando que o mais importante é o cuidado com os pobres. Recordamos uma reflexão de Santo Ambrósio (340-397): “Acaso nos dirá o Senhor: ‘Por que tendes tolerado que tantos pobres morressem de fome, quando possuíeis ouro para lhes buscar alimento?... Melhor teria sido conservar os tesouros vivos que os tesouros de metal!’. Esses argumentos são irrefutáveis. Pois, o que poderias objetar-me? Que temas que falte o adorno digno ao templo de Deus? O Senhor te contestará: ‘os mistérios da fé não requerem ouro, e o que não se pode comprar com ouro tão pouco se dignifica mais com ouro’” (Sobre os deveres dos ministros da Igreja).

É interessante perceber que foi justamente no período dos Santos Padres que a própria Igreja foi firmando aliança com o Império Romano e

ficando cada vez mais poderosa. Mesmo assim, sempre surgiram essas vozes proféticas para lembrar ao povo de Deus o que era o mais fundamental da fé.

Para refletir:

- Você já tinha ouvido falar nos Padres da Igreja?
- O que achou de suas palavras?
- Você acha que foi fácil para o povo de seu tempo ouvir essas palavras?
- É fácil hoje repetir as palavras desses santos?

Para aprofundar:

- Vamos escolher um Padre da Igreja e procurar saber um pouco da história dele e de sua preocupação com os pobres.

7. O COMPROMISSO COM OS POBRES NA HISTÓRIA DA IGREJA

O período dos Padres da Igreja é uma parte fundamental da história da Igreja. Período muito frutuoso da reflexão sobre a fé, principalmente a questão social. Mas o compromisso com os pobres e a reflexão sobre isso continuou ao longo da história da Igreja. Se, por um lado, nem sempre ao longo da história, os pobres tiveram a atenção devida por parte da Igreja, por outro, nunca faltou à Igreja homens e mulheres que assumiram a causa dos pobres, seja por meio do serviço mais direto a eles (hospitais, leprosários, orfanatos etc.), seja na reflexão teológica (escritos, sermões etc.).

São Pedro Damiano (1007-1072) já escreveu: “os que não se dignam ajudar os pobres, quando chegar a hora da verdade, não serão acusados de avarizia, mas de roubo, nem serão condenados como apegados ao seu, mas como ladrões do alheio” (Opúsculo sobre a esmola). Como vimos, reaparece a ideia de que partilha é devolver aos pobres o que é deles e acumular é visto como roubo; algo que aparecia muito já nos Padres da Igreja. Já São Bernardo de Claraval (1091-1153) fez fortes críticas ao luxo do clero: “Clamam os nus, os famintos se queixam dizendo: dizei-nos, pontífices, o que faz o ouro no freio? Acaso o ouro do freio serve para aplacar o frio e a fome? Quando morremos miseravelmente de fome e frio, de que vos serve tantas vestes estendidas ou dobradas nas arcas? É nosso o que desperdiçais, a nós tirais cruelmente o que gastais superfluamente” (Tratado sobre os costumes e deveres dos bispos). Santa Catarina de Sena (1347-1380), em nome do Senhor, também fez alertas ao clero sobre os pobres: “teu gosto devem ser os pobres e a visita aos doentes, socorrendo-os em suas necessidades temporais e espirituais, pois não para outra coisa eu te fiz ministro da Igreja” (Diálogo 127). Como são atuais essas palavras. Nossos ministros precisam viver mais a pobreza e a simplicidade que nos pede o Evangelho.

Tem uma figura que dispensa comentários, sua vida toda foi um Evangelho, uma Boa Notícia aos pobres: São Francisco de Assis. Ele foi para a Igreja o grande chamado que Deus fazia em seu tempo para que ela se voltasse para os pobres. No pobrezinho de Assis, Deus convida a Igreja a se voltar para o que é o mais essencial da fé.

Seguindo nos passos de São Francisco, temos o exemplo de Santo Antônio de Pádua (1195-1231) que nos ensina: “se olharmos bem, os ricos desse mundo, que tiram suas riquezas da injustiça (ou seja, da desigualdade) através da mentira, não têm, na realidade, outros amigos a não ser as mãos dos pobres, que são como que a arca em que se deposita o que se dá a Cristo” (Sermões). Já o grande Santo Tomás de Aquino (1224-1274) chama a atenção para o fato de que “a divisão e apropriação das coisas, as quais resultam do direito humano, não impedem que, servindo-se delas, se satisfaça às necessidades dos homens. Portanto, os bens que alguns possuem em superabundância são devidos, em virtude do direito natural, ao sustento dos pobres” (ST II-II, Q, 66, A 7).

São João de Ávila (1499-1569) fazendo um belíssimo comentário ao Pai Nosso, nos recorda verdades fundamentais da fé: “Dizemos a Deus Pai Nosso, logo somos todos irmãos. Quem não quiser o nosso, não quer a Deus como Pai. Sendo que somos filhos de Deus, somos todos irmãos; e não é coisa de irmãos bons que uns tenham muito e demais e que outros morram de fome. Não é lei de irmãos que um esteja nu e que a outro sobrem roupas e loucura” (Obras completas). Se levássemos a sério o Pai Nosso, teríamos um mundo mais justo e fraterno.

São José de Calasanz (1556-1648) nos recorda uma dura verdade, que são os pobres que sustentam nossas sociedades: “com suas fadigas, eles sustentam o mundo, por assim dizer, e os maiores trabalhos e as elocubrações mais difíceis são os pensamentos dos homens pobres que, para chegar a qualquer coisa, trabalham e velam, enquanto os ricos dormem e só aparecem em cena quando as coisas estão feitas” (Regra XIV, 60). Apesar disso, ainda são os grandes que levam fama de manter o país; e os pobres tantas vezes são culpados pelos problemas da sociedade. Dentre esses problemas, destaca-se a fome. Num período de grande carestia em seu tempo, São Vicente de Paulo (1581-1660) chama a atenção de seu povo: “Cristãos, se tendes fé, realizai suas obras, e se amais a Deus, fazei o que vos manda: aliviad os pobres que sofrem e se abatem” (Vigários de Cristo, p. 263).

São muitos os exemplos que poderíamos citar. Os santos foram grandes expressões do zelo da Igreja pelos pobres e sofredores. O cuidado pela justiça e por um mundo mais justo sempre esteve presente na história da Igreja, mesmo que fossem apenas pequenos sinais e expressões.

Para refletir:

- Você conhecia uma reflexão assim dos santos?
- Nós procuramos conhecer a vida e os ensinamentos dos santos?
- Ou só rezamos pedindo graças?
- Por que apesar de tantos testemunhos importantes, ainda é tão complicado falar em compromisso social hoje na Igreja?

Para aprofundar:

- Vamos procurar conhecer mais sobre a vida de algum santo ou santa que trabalhou pelos pobres e perceber o que podemos aprender do seu exemplo para nossa missão.

8. A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

A Doutrina Social da Igreja pode ser entendida em dois sentidos fundamentais. Num sentido amplo, se refere a toda reflexão de fé sobre as realidades sociais. Sendo assim, a Doutrina Social se encontra, como vimos, desde a bíblia, passando por toda a história da Igreja. Assim sendo, a Doutrina Social não é algo novo, apenas outra forma de dar nome a uma realidade antiga; tem a ver com tudo que viemos conversando. Contudo, num sentido mais estrito, mais limitado, Doutrina Social da Igreja se refere à reflexão de fé sobre as realidades sociais recolhidas e organizadas nos documentos papais e do magistério da Igreja a partir da encíclica *Rerum Novarum (Das Coisas Novas)*. Com essa encíclica de 1891, o papa Leão XIII iniciou um novo período na reflexão social da Igreja, condensando e desenvolvendo nos documentos oficiais do ministério dos papas as grandes questões e desafios da sociedade, principalmente no que toca aos pobres. Depois da encíclica de Leão XIII, surgiram até hoje mais 11 encíclicas sociais: do papa Pio XI, *No Quadragésimo Ano* (1931); do papa João XXIII, *Mãe e Mestra* (1961) e *Paz na Terra* (1963); do papa Paulo VI, *O progresso dos povos* (1967) e *Chegando a octogésima* (1967); do papa João Paulo II, *Sobre o Trabalho Humano* (1981), *A Solicitude Social da Igreja* (1987); e *O Ano Centenário* (1991); do papa Bento XVI, *Caridade na verdade* (2009); e do papa Francisco, *Louvado Sejas* (2015) e *Todos irmãos* (2022).

Buscando sintetizar os grandes temas tratados pela Doutrina Social nos documentos papais, demais textos do magistério e na tradição da Igreja, surgiu em 2004 o chamado Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDS). Dentre tantas coisas, ele apresenta os princípios que orientam a reflexão social à luz da fé. Um deles é o *Bem Comum*: “Da dignidade, unidade e igualdade de todas as pessoas deriva, antes de tudo, o princípio do bem comum, a que se deve relacionar cada aspecto da vida social para encontrar pleno sentido. Segundo uma primeira e vasta acepção, por bem comum se entende: ‘o conjunto de condições da vida social que permitem, tanto aos grupos, como a cada um dos seus membros, atingir mais plena e facilmente a própria perfeição’” (CDS 164). A fé cristã não é de modo algum egoísta ou intimista, ela busca o bem para todos, a vida de qualidade para todas as pessoas.

Intimamente ligado a esse, está o princípio da *Destinação Universal dos Bens*: “Deus deu a terra a todo o gênero humano, para que ela sustente todos os seus membros sem excluir nem privilegiar ninguém. Está aqui a raiz da destinação universal dos bens da terra” (CDS 171). Esse princípio foi um dos mais tocados pelos padres da Igreja. Isso não significa que não se possa possuir as coisas, mas não só para si, afinal, “a tradição cristã nunca reconheceu o direito à propriedade privada como absoluto e intocável” (CDS 177). O acúmulo e concentração de riqueza é pecado e atenta contra a fé. Outro princípio fundamental é o da *Subsidiariedade*, que consiste no fato de que “todas as sociedades de ordem superior devem pôr-se em atitude de ajuda – e portanto de apoio, promoção e incremento – em relação às menores” (CDS 186).

“Consequência característica da subsidiariedade é a *participação*, que se exprime, essencialmente, em uma série de atividades mediante as quais o cidadão, como indivíduo ou associado com outros, diretamente ou por meio de representantes, contribui para a vida cultural, econômica, política e social da comunidade civil a que pertence: a participação é um dever a ser conscientemente exercitado por todos, de modo responsável e em vista do bem comum” (CDS 189). A participação política e cidadã é questão de fé; é nossa missão de cristãos ser expressão do amor de Cristo na sociedade. Só participando ativamente da vida social, seremos a mudança. Nesse caminho, é fundamental o princípio da *Solidariedade*. Ele “comporta que os homens do nosso tempo cultivem uma maior consciência do débito que têm para com a sociedade na qual estão inseridos: são devedores daquelas condições que tornam possível a existência humana” (CDS 195).

Ligados a esses princípios, estão três valores básicos: VERDADE, LIBERDADE E JUSTIÇA. “A relação entre princípios e valores é indubitavelmente de reciprocidade, na medida em que os valores sociais expressam o apreço que se deve atribuir àqueles determinados aspectos do bem moral que os princípios se propõem conseguir, oferecendo-se como pontos de referência para a oportuna estruturação e a condução ordenada da vida social” (CDS 197). Só na verdade, na liberdade e na justiça teremos um mundo como Deus quer. São muitos, enfim, os temas da Doutrina Social da Igreja; não podemos listar todos, mas destacamos alguns fundamentais: a paz, a cuidado com o meio ambiente (nossa Casa Comum), o trabalho, a

família, os direitos humanos, a comunidade econômica e política, a fraternidade universal.

Para refletir:

- Você já tinha ouvido falar na expressão “Doutrina Social da Igreja”?
- Já ouviu falar ou leu algum dos documentos sociais dos papas?
- Que assuntos você acha que ainda precisam ser tratados?
- Como podemos divulgar mais tão importante reflexão?

Para aprofundar:

- Assistir a um episódio do Programa Igreja Sinodal sobre Doutrina social da Igreja e trazer para o próximo encontro o que achou importante e as dúvidas sobre o assunto (*Formar para a Doutrina Social da Igreja* – Link: <https://www.youtube.com/watch?v=N6SIo9AEFBU>).

9. A TRADIÇÃO LIBERTADORA DA IGREJA LATINO-AMERICANA

A chegada dos cristãos na América Latina, infelizmente, não se deu de modo muito adequado com o Evangelho. A Igreja veio à América aliada aos reis de Portugal e Espanha, colaborando na conquista e exploração dessas terras e seus povos. Mas, desde o início, o Espírito suscitou nessas terras vozes proféticas que vieram na defesa dos indígenas e explorados pelos colonizadores europeus, tantas vezes “em nome da fé”.

Um exemplo foi o frei Antônio de Montesinos que, em 1511, pregou um sermão no 4º Domingo do Advento, onde hoje é a República Dominicana. Cansado da exploração dos indígenas e comentando o Evangelho que João Batista se apresentava como a voz que clama do deserto, frei Montesinos denuncia os colonizadores opressores: “Pois todos estais em pecado mortal e nele viveis e morreis, pela crueldade e tirania que usais para com essas gentes inocentes. Dizei: com que direito e com que justiça tendes em tão cruel e horrível servidão a estes índios?”. Anos depois, apareceu outro grande profeta em terras americanas: Frei Bartolomeu de Las Casas (+1566) que diz com palavras dolorosas e proféticas: “Eu deixo nas Índias Jesus Cristo, nosso Deus, açoitando-o, afligindo-o e esbofeteando-o e crucificando-o, não uma, mas milhares de vezes quanto é da parte dos espanhóis que assolam e destroem aquelas gentes”.

Esse germe de profecia num período tão difícil como foi a colonização da América nunca se apagou totalmente. Mas ressurgiu de forma verdadeiramente fecunda e criativa no século XX com as Conferências de Medellín e Puebla. De 1962 a 1965 aconteceu em Roma o Concílio Vaticano II, um encontro que reuniu os bispos do mundo todo, teólogos, membros de outras Igrejas como convidados; esse encontro tinha como objetivo renovar a Igreja para enfrentar os desafios ao Evangelho no tempo presente. Durante as reuniões, um grupo de bispos (entre eles se destaca o cearense Dom Hélder Câmara) lutou para que os pobres, que estão no centro do Evangelho de Jesus, também estivessem no centro do Concílio. Infelizmente não conseguiram. Mas logo depois, os bispos da América Latina sentiram a necessidade de se reunir também aqui para pensarem como acolher as propostas do Concílio, mas a partir da nossa realidade.

Aconteceu então, em 1968, na cidade de Medellín, na Colômbia, a II Conferência dos Bispos da América Latina e Caribe. Ali, os pobres apareceram como o centro das preocupações pastorais da Igreja. Recolhemos alguns testemunhos da mudança radical para a Igreja da América Latina que foi Medellín: “É o nosso pentecostes” (Dom Pedro Casaldáliga); “É a ata de nascimento da Igreja latino-americana” (Pe. José Comblin); “Batismo da Igreja latino-americana” (Leonardo Boff); “foi a emergência de uma Igreja Latino-americana madura e iluminadora” (Dom Samuel Ruiz); “Foi uma tentativa de olhar a Igreja desde o lugar social, dos meios populares (indígenas, afro-americanos, camponeses, ‘empobrecidos’)” (Dom Fragozo); “Oportunidade para nosso continente das perspectivas do Vaticano II, sobretudo no que toca o mundo dos pobres” (Dom Tomás Balduino).

Ao final, se lançou um documento com capítulos cheios dessa preocupação social. Desejou “que se apresente cada vez mais nítido na América Latina o rosto da Igreja autenticamente pobre, missionária e pascal, desligada de todo poder temporal e corajosamente comprometida com a libertação do homem todo e de todos os homens” (DM 5,15) e, por isso, afirmou: “Queremos que nossa Igreja latino-americana esteja livre de peias temporais, de conveniências indevidas e de prestígio ambíguo; ‘livre de espírito com relação aos vínculos da riqueza’” (DM 14,18). Assim, se declara que “a Igreja da América Latina, dadas às condições de pobreza e subdesenvolvimento do continente, sente a urgência de traduzir esse espírito de pobreza em gestos, atitudes e normas, que a tornem um sinal mais lúcido e autêntico do Senhor” (DM 14,7).

Esse espírito continuou na reunião seguinte no México em 1979, a Conferência de Puebla, quando se confirmou Medellín e se formulou com força profética: “a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (DP 1134); isso “para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres” (DP 1140). Mas tal dinamismo, por ser profundamente evangélico, foi conflitivo. Como alertou Jesus: “Se perseguiram a mim, vão perseguir vocês também” (Jo 15,20). Dessa fecunda experiência de Igreja se desenvolveram as comunidades eclesiais de base (CEBs), teologias da libertação, participação ativa e comprometida das pastorais, especificamente pastorais sociais, Comissão Pastoral da Terra

(CPT), Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e tantas experiências mais que, apesar dos desafios, continuam a frutificar.

Para refletir:

- Você já tinha ouvido falar nas Conferências de Medellín e Puebla?
- O que você achou da importância delas para a Igreja da América Latina?
- Você conhece exemplos da luta da Igreja por justiça no continente?

Para aprofundar:

- Assistir a um vídeo sobre a Conferência de Medellín e compreender melhor porque ela foi tão importante para o compromisso social da Igreja na América Latina. Vamos conversar no próximo encontro sobre esse vídeo. (*Conferência de Medellín* – Link: https://www.youtube.com/watch?v=0wySO2qW_Is).

10. PROFETAS E MÁRTIRES DO NOSSO TEMPO

Como vimos no último encontro, a profecia avançou com muita força na nossa Igreja latino-americana a partir das Conferências de Medellín e Puebla. Isso se deu tanto pelas provocações dessas conferências quanto aos apelos do Espírito Santo através da dura realidade latino-americana: profundos desafios sociais como a extrema pobreza, grandes injustiças e violências, cruéis ditaduras militares nos vários países do continente. Assim, entre os diversos membros do povo de Deus, freiras, padres, agentes de pastoral, bispos, surgiram profetas e profetisas que levantaram a voz contra tantos abusos, pois entendiam que era o próprio Senhor que gritava nos pobres.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) foram verdadeiros sinais proféticos de luta pela justiça na construção do Reino de Deus; assim como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) lutaram pelos direitos dos índios e dos trabalhadores rurais. Somaram-se a luta da Igreja vários movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Vozes profética da Igreja se destacaram no combate à ditadura e às injustiças: Dom Pedro Casaldáliga, Irmã Irene de São Félix do Araguaia (MT), Dom Tomás Balduino de Goiás, Dom Hélder Câmara de Olinda e Recife (PE), Dom Aloísio Lorscheider de Fortaleza e Dom Fragoso de Crateús (CE), Dom Paulo Evaristo Arns de São Paulo, Dom José Maria Pires da Paraíba (PB). E tantos outros que não temos condições de citar.

Mas como já conversamos no último encontro, viver o Evangelho, seguir o caminho de Jesus do lado dos pobres tem consequências sérias, pois se perseguiram Jesus, perseguem também quem segue os passos dele. Como explica o historiador da Igreja, Henrique Cristiano José Matos, após a Conferência de Medellín, “em cinco anos, a Igreja latino-americana teve maior número de mártires do que em quase cinco séculos de existência” (Introdução à História da Igreja 2, p. 355). A coisa foi tão forte que Frei Betto narra que “os torturadores indagaram de suas vítimas quem é este Medellín que escreveu tantos documentos subversivos!” (Diário de Puebla, p. 17). A ignorância dos torturadores os levava a pensar que Medellín fosse uma pessoa, em vez de entenderem que foi um evento que mobilizou toda a Igreja

da América Latina no seu compromisso com os pobres e com uma sociedade mais justa.

Mas a Igreja também reagiu. Nem todos os bispos, padres, freiras e leigos assumiram Medellín; a Cúria romana estava assustada. Houve vários boicotes e perseguições. Muitos membros da Igreja fizeram até acordos com as ditaduras militares. E quanto à perseguição no Brasil, dados – recentemente recolhidos numa obra para comemorar os 40 anos de Puebla – mostram que foram presos 9 bispos, 84 padres, 13 seminaristas, 6 freiras e 273 leigos e leigas; foram aproximadamente 34 casos de tortura de padres, religiosos e seminaristas (Cf. Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe). Contudo, esses dados são apenas os mais oficiais, a realidade certamente foi bem pior. Aqui mencionou-se apenas os que tinham alguma ação pastoral. Muito mais foram os que não eram ligados a pastorais, mas pelo compromisso social foram torturados e mortos.

Foram muitos os mártires brasileiros, homens e mulheres que deram suas vidas pela justiça do Reino como Jesus: Margarida Alves, Chico Mendes, Irmã Dorothy, Padre Josimo Tavares, Padre Ezequiel Ramón, Padre João Bosco Burnier. Esses são só alguns de uma longa lista, como bem nos alertou o historiador Henrique Cristiano. Mas isso se deu em toda a América Latina. Convém citar um nome que é ainda uma grande referência de mártir e profeta para a América Latina e para o mundo todo; aquele que dá nome a nossa Escola de Fé e Cidadania: São Oscar Romero. Bispo no país de El Salvador, foi por três anos a Voz do sem voz. Foi perseguido pelo governo de seu país e pela própria Igreja, mas nunca se cansou de anunciar: “A Igreja, defensora dos direitos de Deus, da lei de Deus, da dignidade humana, da pessoa, não pode ficar calada diante de tanta abominação. Queremos que o governo leve a sério que de nada servem as reformas se são tidas com tanto sangue. Em nome de Deus, pois, e em nome deste sofrido povo, cujos lamentos sobem até o céu cada dia mais tumultuosos, lhes suplico, lhes rogo, lhes ordeno, em nome de Deus: PAREM A REPRESSÃO!” (23.03.1980). Foi assassinado enquanto celebrava a missa na capela do Hospital Divina Providência, onde morava, em 24 de março de 1980. Mas sua voz continua repercutindo e inspirando a profecia entre nós.

Também em nosso tempo foram atuantes profetas e mártires de outras Igrejas e religiões. O Papa Francisco mesmo, em sua encíclica *Fratelli Tutti*,

se disse inspirado “também por outros irmãos que não são católicos: Martin Luther King, Desmond Tutu, Mahatma Mohandas Gandhi e muitos outros” (FT 286). O Espírito age em qualquer pessoa ou grupo que se abra a ele, consciente ou não disso.

Para refletir:

- Você já tinha ouvido falar nesses profetas e mártires da América Latina?

- Por que suas palavras incomodaram tanto?

- Conhece outros exemplos nacionais e locais?

Para aprofundar:

- Sugerimos que todos possamos assistir individualmente ou em grupo o filme *Romero – Uma História Verdadeira 1989* (Link: <https://www.youtube.com/watch?v=SYFKsfRI-NY>). Será uma ótima forma de conhecer mais o Santo que dá nome a nossa Escola e nos inspirarmos mais no compromisso com o Reino de Deus e sua justiça.

- Para conhecer mais alguns profetas da América Latina, sugerimos assistir *Do Pacto das Catacumbas a Francisco* – Link: <https://www.youtube.com/watch?v=5Hh5NWWBZgQ&t=740s>.

11. O MINISTÉRIO PROFÉTICO DO PAPA FRANCISCO

O Papa Francisco é um dos grandes profetas dos nossos tempos. Ele assumiu as grandes linhas renovadoras do Concílio Vaticano II e a tradição libertadora da América Latina vindas das Conferências de Medellín e Puebla. Filho deste continente, Francisco é uma das maiores vozes proféticas de nosso tempo. Nesses mais de 10 anos de ministério pastoral, Francisco nos desconcerta de muitas formas em suas palavras e principalmente atitudes. Ele não só optou por viver de forma mais simples (vestes austeras, mora na Casa Santa Marta em vez do Palácio Apostólico, come no refeitório, usa carros populares), mas também assumiu atitudes proféticas e marcantes, como suas viagens a países pequenos, pobres e esquecidos; marca disso é sua ida a Ilha italiana de Lampedusa e a Ilha grega de Lésbos para denunciar os problemas que passavam os imigrantes. Criou o Dia Mundial dos Pobres para recordar a centralidade deles na vida e missão da Igreja.

Sua ação na política internacional também é marcada por uma profunda preocupação com os pobres. Em setembro de 2013, fez uma vigília pela paz na Síria, rezando para que os Estados Unidos não invadissem aquele país já tão sofrido e destruído. Em 2014, realizou um encontro na Terra Santa entre o líder Palestino e o Presidente de Israel, buscando a paz para esses países. Por seu intermédio, foram reabertas as negociações entre Cuba e Estados Unidos. Se uniu a vários líderes mundiais na defesa e acolhida dos imigrantes. Fez várias tentativas de pôr fim ao conflito entre Rússia e Ucrânia.

Francisco insiste que a Igreja deve “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20), ou seja, os “lugares mais necessitados, como numa constante saída para as periferias do seu território” (EG 30). Francisco não só fala dos pobres, ele se faz irmão próximo deles e companheiro de suas lutas. Quer uma Igreja que não tenha medo de se lançar nos problemas do mundo e enfrentá-los à luz do Evangelho. Por isso, afirma: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG 49).

Todos os papas falaram sobre os pobres e as questões sociais. Como vimos antes, há toda uma tradição de documentos da Igreja sobre essas questões desde o final do séc. XIX. Contudo, em Francisco, os pobres não são só um ponto ou questão importante, mas são de fato o centro de sua reflexão e ministério pastoral, porque estão no centro do Evangelho. Por essa razão, ele expressa: “desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar... É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles; a nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja” (EG 198). Essa é missão de todo cristão, não só de alguns. “Ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências... Ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social” (EG 201). A justiça social é questão de fé, por isso é missão de todo cristão.

Para ajudar na construção de uma sociedade mais justa e fraterna, sinal do Reino de Deus, Francisco vê como força fundamental os movimentos sociais. Enquanto tantos na sociedade, inclusive na Igreja, veem com preconceito os movimentos sociais, Francisco vê neles a base de uma autêntica mudança social. Por isso, realizou com eles 3 grandes encontros internacionais presencialmente e um de forma virtual. Disse que os movimentos sociais são “uma bênção de humanidade” (I Encontro), são “poetas sociais” (II Encontro). Francisco fala com eles sobre “os famosos três ‘T’: terra, teto e trabalho para todos os nossos irmãos e irmãs. Disse-o e repito: são direitos sagrados. Vale a pena, vale a pena lutar por eles” (II Encontro). São direitos sagrados. Quando a Igreja se envolve na luta por terra, moradia e trabalho, ela não está se afastando da sua missão sagrada, mas está sendo justamente fiel a ela. Por isso nos lembra Francisco: “A Igreja não pode nem deve ficar alheia a este processo no anúncio do Evangelho. Muitos sacerdotes e agentes pastorais realizam uma tarefa imensa acompanhando e promovendo os excluídos de todo o mundo” (II Encontro). E todos devemos participar disso.

Francisco também se destacou, procurando ajudar a Igreja a perceber que também é parte de sua missão o cuidado com a criação de Deus, nossa casa comum. Mas recorda que “não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que

deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres” (LS 49). Afinal, “a espiritualidade não está desligada do próprio corpo nem da natureza ou das realidades deste mundo, mas vive com elas e nelas, em comunhão com tudo o que nos rodeia” (LS 216).

Para refletir:

- Que pontos do ministério do Papa Francisco mais lhe chamam a atenção?

- O que o Papa Francisco mais ensina para a Igreja?

- Será que a Igreja está acompanhando, imitando a profecia de Francisco?

Para aprofundar:

- Assistir o documentário A CARTA e conhecer um pouco mais o profético serviço do papa Francisco (Link - <https://www.youtube.com/watch?v=Rps9bs85BII>).

12. OS DESAFIOS SOCIAIS DE NOSSO TEMPO

Jesus nos ensina a perceber os “sinais dos tempos” (Mt 16,3; cf. Lc 12,56), ou seja, aprender a ler a realidade. É importante conhecer toda a história profética e a reflexão social da Igreja, mas é bom não esquecer que o Espírito Santo continua a agir hoje e nos convida a ouvir seus clamores na realidade atual. Assim, nos ensina o Concílio Vaticano II que “acreditando... que é conduzido pelo Espírito do Senhor, que enche o universo, o povo de Deus vê e procura discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações do nosso tempo, de que, aliás, participa, verdadeiros sinais da presença de Deus e de seu desígnio” (GS 11).

No mundo, encontramos inúmeras situações da graça do Senhor, mas também situações que negam essa graça, ou seja, situações de pecado; também no âmbito social. Cabe a nós, seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré, buscarmos responder a partir do Evangelho às exigências da realidade atual. Pois, como insiste o Papa Francisco, temos que ser “uma Igreja que não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso tempo, curando as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus” (09.10.2021).

E, de fato, os desafios sociais são muitos. Com relação a fome, por exemplo, segundo dados da ONU, em 2021, era mais de 828 milhões de pessoas passando fome no mundo (9,8% da população global). Além disso, 2,3 bilhões (29,3%) estavam em insegurança alimentar moderada ou grave em 2021, 350 milhões a mais do que antes da pandemia. No Brasil, são mais de 33 milhões de pessoas passando fome (15,5% da população) e mais de 125 milhões de pessoas em algum nível de insegurança alimentar (58,1% da população). Se olharmos para nossa região do Vale do Jaguaribe, essa situação não é diferente: mais de 43% da população vive em situação de pobreza (até 486 reais mensais) ou extrema pobreza (até 168 reais mensais). Outro problema sério no Brasil, mas especialmente no Nordeste, é a má distribuição da água; além de sofrer com períodos de secas de tempos em tempos, a política que rege o controle das águas é injusta e desigual. Comunidades ficam sem abastecimento, mas as empresas batem recorde de produção e no uso da água.

A realidade da terra é outro ponto que demanda muito de nossa atenção, pois 1% dos estabelecimentos rurais do Brasil concentra 47,5% das terras usadas na produção agropecuária. Veja a tamanha concentração de terra. Enquanto isso, quase 100 mil famílias vivem em acampamentos esperando a regulamentação da terra. Sem falar daquelas que não tem terra e não estão nessa luta. A situação da moradia não é menos dramática, pois são 5,8 milhões de famílias em 2022 sem casa ou vivendo em moradia precária; por outro lado, são mais de 6 milhões de imóveis vazios no país. Além disso, são mais de 220 mil pessoas vivendo em situação de rua no Brasil. Como num país onde aproximadamente 80% da população se diz cristã, acontece tanta desigualdade e injustiça social? Como nossa fé não consegue assumir consequências concretas na vida em sociedade? Será que estamos entendendo o que é fé?

Os povos indígenas também sofrem muito em nosso país. O Sínodo da Amazônia chamou nossa atenção para os desafios sociais e pastorais desses povos; e o recente massacre yanomami escancarou a séria situação de dor e exploração de nossos povos. Eles foram um dos grupos que também mais sofreram com a pandemia. Inclusive, é bom destacar que a pandemia não criou os problemas sociais, mas agravou muito os que já existiam. Inclusive, mostrou o quanto injusto é o sistema social no mundo. Pois apesar de estarmos todos na grande tempestade da pandemia, não estávamos no mesmo barco. Alguns viviam em iates, outros sobreviviam em barquinhos ou portas flutuantes. Dados da Oxfam Brasil apontam que surgiu 1 novo bilionário a cada 26 horas no mundo durante o período da pandemia; nesse mesmo período, morria 1 pessoa a cada 4 segundos. Enquanto uns padeciam, outros se enriqueciam cada vez mais.

Quanto ao drama da imigração no mundo, ele continua assustadoramente. São famílias procurando uma vida melhor em outros países por conta da pobreza ou guerra em seu país de origem. O relatório da ONU sobre imigração de 2022 revelou que são 281 milhões de imigrantes internacionais (3,6% da população global). E como são rechaçados. Além da viagem cheia de riscos, ainda sofrem os preconceitos de raça, cultura, religião. Os governos europeus, por exemplo, que tanto exploraram a África e a Ásia e são, portanto, os grandes responsáveis pela pobreza e violência nesses continentes, se recusam a acolher os migrantes. Graças a Deus, o Papa

Francisco é uma das poucas vozes proféticas na defesa dos imigrantes hoje. Contudo, mais vozes precisam se levantar.

Para refletir:

- Que outros problemas de nosso tempo você vê como muito graves?
- Você sente a Igreja se envolvendo nessas grandes questões sociais?
- Como a Igreja pode contribuir mais para enfrentar tais problemas?
- Quais as maiores dificuldades para entender que nossa fé exige de nós esse compromisso social?

Para aprofundar:

- A partir do que conversamos esse ano na Escola de Fé e Cidadania São Romero, vamos analisar que questões e temas devemos tratar em encontros futuros. Se há algum assunto que merece aprofundamento. Que questões sociais concretas precisam ser tratadas à luz da fé por nossa Escola.

ATIVIDADES COMPLEMENTARES:

Mês de AGOSTO de 2023:

No dia 7 de *Setembro* acontece o Grito dos Excluídos. Essa é uma atividade que envolver toda a Diocese. Já estamos na 29ª Edição do Grito. O tema esse ano é: VIDA EM PRIMEIRO LUGAR; e o lema é: “Você tem fome e sede de quê?”.

- Por isso, esse mês, vamos procurar pesquisar sobre a história do Grito dos Excluídos;

- Vamos também pensar ações concretas de como ajudar na mobilização das comunidades de nossa para participarmos do Grito dos Excluídos. E vamos levantar os gritos locais e regionais para levarmos para esse encontro.

Mês de OUTUBRO de 2023:

De 12 a 19 de *Novembro*, celebraremos *A Jornada Mundial dos Pobres*. No final de 2016, no final do Jubileu da Misericórdia, o papa Francisco instituiu o Dia Mundial dos Pobres a ser celebrado sempre no 33º Domingo do Tempo Comum. Recordando assim aqueles que estão no centro do coração do Evangelho e devem estar no centro do coração da Igreja. O tema da Mensagem do papa para esse ano é: “NUNCA AFASTES DE ALGUM POBRE O TEU OLHAR” (Tb 4, 7).

- Vamos ajudar a paróquia a mobilizar nossas comunidades para pensarmos ações para esse período.

- No dia 20 de *Novembro* é o Dia da Consciência Negra. Também é importante pensarmos algo para recordar esse dia e melhor refletir sobre o racismo estrutural e como combatê-lo.

Mês de JANEIRO de 2024:

Dia 14 de *Fevereiro* é quarta-feira de Cinzas e com ela se inicia o Tempo da Quaresma, que é um tempo de penitência, oração e para aprofundarmos a necessidade de conversão, pessoal e social. Por isso, há 60 anos, a Igreja no Brasil reza e reflete no tempo da quaresma a Campanha da Fraternidade, buscando olhar alguma realidade social do Brasil que precise de profunda conversão e transformação. O tema desse ano é

“FRATERNIDADE E AMIZADE SOCIAL” e o lema “Vós sois todos irmãos e irmãs” (Mt 23,8).

- Vamos pensar como ajudar as comunidades de nossa paróquia na preparação e vivência da Campanha da Fraternidade desse ano.

- Em *Fevereiro*, também é o nosso intercâmbio entre as escolas, por isso, precisamos nos organizar para esse momento tão importante.

Mês de FEVEREIRO de 2024:

- *24 de Março* é o dia de São Oscar Romero, santo profeta que dá nome a nossa escola. Vamos pensar em como rezar e celebrar seu dia (tríduo, círculo bíblico, celebração da Palavra, missa etc.).

- Em *Março*, também temos o Dia Internacional da Mulher, é importante pensarmos em algo para celebrar essa data e fortalecer a luta das mulheres por direitos iguais e por sua dignidade respeitada.

Mês de MARÇO de 2024:

- No dia *21 de Abril* acontecerá a Romaria da Chapada no Tomé em Limoeiro do Norte. Vamos ajudar as comunidades de nossa paróquia na preparação para participarmos desse momento. A Romaria busca denunciar as diversas injustiças da nossa região e acontece no dia do assassinato de um grande companheiro da caminhada, Zé Maria. Vamos nos organizar para participar.



CÁRITAS
DIOCESANA DE
LIMOEIRO DO NORTE